

Leliana

OTHON M. GARCIA
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGIA

COMUNICAÇÃO
EM PROSA
MODERNA

APRENDA A ESCREVER, APRENDENDO A PENSAR

26ª EDIÇÃO



ISBN — 85-225-0296-X

Copyright © Fundação Getúlio Vargas

Direitos desta edição reservados à

EDITORA FGV

Rua Jornalista Orlando Dantas, 37

22231-010 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil

Tels.: 0800-21-7777 — 21-2559-4427

Fax: 21-2559-4430

e-mail: editora@fgv.br — pedidoseditora@fgv.br

web site: www.editora.fgv.br

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/98).

1ª edição — 1967	10ª edição — 1982	19ª edição — 2000
2ª edição — 1969	11ª edição — 1983	20ª edição — 2001
3ª edição — 1975	12ª edição — 1985	21ª edição — 2002
4ª edição — 1976	13ª edição — 1986	22ª edição — 2002
5ª edição — 1977	14ª edição — 1988	23ª edição — 2003
6ª edição — 1977	15ª edição — 1992	24ª edição — 2004
7ª edição — 1978	16ª edição — 1995	25ª edição — 2006
8ª edição — 1980	17ª edição — 1996	26ª edição — 2006
9ª edição — 1981	18ª edição — 2000	Reimpressão — 2007

REVISÃO: Aleidis de Beltran e Fatima Caroni

CAPA: Tira linhas studio

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
Mario Henrique Simonsen/FGV

Garcia, Othon M. (Othon Moacyr), 1912-2002

Comunicação em prosa moderna : aprenda a escrever,
aprendendo a pensar / Othon M. Garcia. — 26. ed. — Rio
de Janeiro : Editora FGV, 2006
540p.

Inclui bibliografia e índice.

1. Comunicação. 2. Língua portuguesa — Gramática.
3. Língua portuguesa — Retórica. I. Fundação Getúlio Var-
gas. II. Título.

CDD — 808

À memória de
minha Mãe, Júlia Costa Garcia,
e de meu Pai, Feliciano Peres Garcia

IV *Idéias e concepções*1. *Ponto de vista filosófico*

Revela o autor uma concepção realista, fantasista, fatalista, pessimista ou otimista da vida e dos homens?

2. *Ponto de vista moral e religioso*

Tem a obra — no seu conjunto ou em alguma de suas partes — propósito moralizador? Revela o autor preocupação com o problema religioso? Há sinais de intolerância religiosa, de preconceitos de ordem moral, racial, social? Do ponto de vista moral, pode a obra ser considerada imprópria para menores? Por quê? Como encara o autor o problema do sexo e do amor em geral?

3. *Ponto de vista político e ideológico*

Deixa o autor perceber claramente suas tendências políticas? Parece-lhe um escritor “engajado (“comprometido”) ou “alienado”? Representa a obra um testemunho ou depoimento sobre sua época e os problemas que afligem a humanidade ou uma parte dela? Faz o autor crítica social, propaganda ou proselitismo? Como? Justifique, ilustre, prove.

V. *Outras impressões provocadas pela leitura*

Gostou? Sentiu-se empolgado pela narrativa em si, pela psicologia ou comportamento ou destino de alguma personagem? pelo estilo? pelas reflexões do autor? A leitura o enriqueceu espiritualmente? culturalmente? provocou-lhe reflexões ou foi apenas um passatempo? Leu outras obras do mesmo autor? Leu obras de outros autores, cujo estilo, técnica de narrativa, tema e/ou enredo se assemelhem aos do livro que você acaba de ler e comentar?

Você seria capaz de fazer dele uma adaptação teatral ou dramática, quer dizer, uma peça ou roteiro cinematográfico?

4.0 **Qualidades do parágrafo e da frase em geral**

As observações precedentes talvez tenham ajudado o estudante a fazer uma idéia mais precisa da estrutura e da importância do parágrafo. Resta-nos agora falar de suas principais qualidades, que são, de modo geral, as mesmas da frase, tanto do simples período quanto de uma composição inteira: *correção, clareza, concisão, propriedade, coerência e ênfase*. Dada, entretanto, a orientação que vimos seguindo, vamos limitar-nos àquelas que dizem respeito mais de perto à ordenação, ao entrosamento e ao realce das idéias dentro do parágrafo: *unidade, coerência e ênfase*.

4.1 **Unidade, coerência e ênfase**

A correção gramatical é, sem dúvida, uma das mais importantes qualidades do estilo. Mas nem sempre a mais importante: uma composição pode estar absolutamente correta do ponto de vista gramatical e revelar-se absolutamente inaproveitável. Os professores topamos todos os dias com exemplos disso. É verdade que erros grosseiros podem invalidar outras qualidades do estilo. Mas a experiência nos ensina que os defeitos mais graves nas redações de alunos do curso fundamental — e até superior — decorrem menos dos deslizes gramaticais que das falhas de estruturação da frase, da incoerência das idéias, da falta de unidade, da ausência de realce. Quando o estudante aprende a concatenar idéias, a estabelecer suas relações de dependência, expondo seu pensamento de modo claro, coerente e objetivo, a forma gramatical vem com um mínimo de erros que não chegam a invalidar a redação. E esse mínimo de erros se consegue evitar com um mínimo de “regrinhas” gramaticais.

Isoladamente, unidade e coerência têm características próprias, mas quase sempre a falta de uma resulta da ausência da outra. A primeira — já assinalamos — pode ser em grande parte conseguida graças ao expediente do tópico frasal; a segunda depende principalmente de uma ordem adequada e do emprego oportuno das partículas de transição (conjunções, advérbios, locuções adverbiais, certas palavras denotativas e os pronomes).

Em síntese, a unidade consiste em dizer uma coisa de cada vez, omitindo-se o que não é essencial ou não se relaciona com a idéia predominante no parágrafo. Evitem-se, portanto, digressões descabidas e indiquem-se de maneira clara as relações entre a idéia principal e as secundárias.

A falta de unidade do parágrafo seguinte decorre da ausência de conexão entre os seus dois períodos.

Acabam de chegar a Cuba reforços militares da União Soviética para o regime comunista de Fidel Castro. A condecoração de "Che" Guevara, um dos colaboradores castristas, pelo ex-presidente Jânio Quadros, por afrontosa, escandalizou a opinião pública e contribuiu para a sua renúncia.

(Redação de aluno)

Pergunta-se: qual é a idéia principal desse parágrafo? A chegada de reforços, a condecoração, o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente? Se é a chegada de reforços, que relação há — ou mostrou seu autor haver — entre esse fato e os restantes? Há, sem dúvida, uma relação implícita, histórica, ocasional, entre as três personagens referidas, mas não entre suas ações indicadas no trecho. Falta, pois, ao parágrafo qualquer traço de unidade, coerência e ênfase. Para consegui-lo, seria necessário dar-lhe uma nova estrutura. Uma das versões possíveis seria esta:

Acabam de chegar a Cuba reforços militares da União Soviética para o regime comunista de Fidel Castro. Pois foi a um dos colaboradores castristas — "Che" Guevara — que o ex-Presidente Jânio Quadros condecorou, escandalizando a opinião pública e contribuindo para a sua própria renúncia.

A partícula de transição "pois" (conjunção conclusiva) e a expletiva "foi... que" já denunciam certa relação entre a chegada de reforços e o que se segue. Esse "pois" indica vestígios de um silogismo incompleto (ver 4. Com., 1.5.2 — "Método dedutivo"), cuja premissa maior está implícita. O raciocínio que teria levado a essa estrutura deve ter sido mais ou menos o seguinte:

Acabam de chegar a Cuba reforços militares da União Soviética. Isso nos leva a admitir que o regime de Fidel Castro é comunista. Ora, os comunistas não devem ser condecorados sem que se escandalize parte da opinião pública de país não comunista. Pois esse escândalo provocou-o a condecoração de "Che" Guevara pelo ex-presidente Jânio Quadros, escândalo que foi, provavelmente, uma das causas da sua renúncia.

Note-se, porém, que na versão proposta a idéia principal é "condecorar"; portanto, a "chegada de reforços", sob a forma de tópico frasal, ilude o leitor, que supõe ver aí a idéia predominante do parágrafo. Sugere-se então nova estrutura, de forma que as idéias secundárias assumam feição gramatical mais adequada: oração subordinada ou adjunto adverbial:

Com a chegada a Cuba de reforços militares da URSS para o regime comunista de Fidel Castro, a condecoração de "Che" Guevara pelo ex-presidente Jânio Quadros — gesto que talvez tenha contribuído para sua renúncia — torna-se ainda mais afrontosa à opinião pública.

Sob a forma de adjunto adverbial, a "chegada de reforços" passa a ser uma idéia secundária, permitindo que se dê maior realce à contida na oração principal ("a condecoração... torna-se ainda mais afrontosa"). A terceira idéia desse parágrafo, por ser também irrelevante, assume uma feição de subalternidade sob a forma de aposto: "gesto que...".

Assim, nesta última versão estão mais ou menos razoavelmente evidenciadas as três principais qualidades do parágrafo (que no caso são também do período):

- a) *unidade*: uma só idéia predominante;
- b) *coerência*: relação (no caso, de conseqüência) entre essa idéia predominante e as secundárias;
- c) *ênfase*: a idéia predominante não apenas aparece sob a forma de oração principal mas também se coloca em posição de relevo, por estar no fim ou próximo ao fim do período-parágrafo.

O seguinte trecho também peca pela falta de unidade e de coerência:

Dizer que viajar é um prazer triste, uma aventura penosa, parece um absurdo. Imediatamente nos ocorrem as dificuldades de transportes durante a Idade Média, quando viajar devia ser realmente uma aventura arriscada e penosa.

(Redação de aluno)

Ora, se dizer que viajar é um prazer triste parece um absurdo (sубentende-se: na realidade não é um absurdo, viajar não é um prazer triste), como se explica a apresentação de um exemplo (viajar na Idade Média) que prova justamente o contrário? Falta de coerência. O desenvolvimento deveria ser feito com a apresentação de outro exemplo:

Dizer que viajar é um prazer triste, uma aventura penosa, parece um absurdo, pois imediatamente nos ocorrem as inúmeras e tentadoras facilidades de transportes, o conforto das acomodações, enfim, todas as oportunidades e atrações que fazem da itinerância tudo menos um prazer triste.

As facilidades, a comodidade, a rapidez dos meios de transporte nos tempos modernos são idéias que só nos podem levar a admitir que viajar hoje em dia não é, como teria sido durante a Idade Média, um "prazer triste".

4.2 Como conseguir unidade

4.2.1 Use sempre que possível tópico frasal explícito

O parnasianismo exerceu tão drástica tirania com o seu tantã métrico, que, no espírito submetido a esse imperativo e por ele deformado, a frase poética era previamente modelada em dez ou doze sílabas. O cérebro de um parnasiano tornava-se, com o passar do tempo, semelhante a uma linotipo. O número dirigia a idéia, atraindo-a e reduzindo-lhe a extensão à calha métrica predeterminada. Originou-se disto um antagonismo, em razão do qual alguns poetas só escreviam facilmente em verso. Raimundo Correia, no Brasil, e Cesário Verde, em Portugal, eram desses “albatrozes” que, embora não possuíssem grandes asas, tinham dificuldade “de marchar” no chão vulgar da prosa...

(Eugênio Gomes, *Visões e revisões*, p. 235)

A unidade desse parágrafo resulta, principalmente, da declaração inicial contida no tópico (primeiro período): os detalhes e exemplos incluídos no desenvolvimento sempre se reportam à drástica tirania do tantã métrico no parnasianismo. Não ocorre nenhuma digressão impertinente, nenhum pormenor dispensável.

O tópico frasal, como já vimos, não precisa vir obrigatoriamente no início do parágrafo, mas o escritor inexperiente muito lucraria em assim fazer até adquirir maior desembaraço. Há autores (como Xavier Marques, por exemplo, nos seus excelentes *Ensaio*s, Publicações da A. B. L., Rio, 1941, 2 vols.) que adotam esse critério quase que sistematicamente, o resultado é sempre um parágrafo uno, claro, coerente, objetivo, digno de imitar:

O inconsciente da história vem dirigindo a atividade dos povos, desde as mais antigas civilizações, para os labores pacíficos que constroem a economia, o bem-estar, a felicidade coletiva (tópico frasal). Essa atividade, porém, não se limitaria a satisfazer necessidades físicas. Nem só de pão vive o homem. O seu destino é ascender da materialidade à mais alta espiritualidade, ascender pela fé, que lhe revela a presença do Criador, pela ciência, que lhe desvenda os segredos da natureza, pela cultura das letras e das artes que lhe amenizam, com a doçura das emoções estéticas, a aspereza da luta pela existência.

(*Ensaio*s, vol. I, p. 87)

4.2.2 Evite pormenores impertinentes, acumulações e redundâncias

O assassinio do Presidente Kennedy, *naquela triste tarde de novembro, quando percorria a cidade de Dallas, aclamado por numerosa multidão, cercado pela simpatia do povo do grande Estado do Texas, terra natal, aliás, do seu sucessor, o Presidente Johnson*, chocou a humanidade inteira não só pelo impacto emocional *provocado pelo sacrifício do jovem estadista americano, tão cedo roubado à vida*, mas também por uma espécie de sentimento de culpa coletiva, *que nos fazia, por assim dizer, como que responsáveis por esse crime estúpido*, que a História, sem dúvida, gravará como o mais abominável do século.

(Redação de aluno)

Temos aí um exemplo de período prolixo e centopeico. Os pormenores em excesso (grifados no texto) são, na sua maioria, dispensáveis, pois em nada reforçam ou esclarecem a idéia-núcleo do período (“o assassinio do Presidente Kennedy... chocou a humanidade inteira...”):

- *naquela triste tarde de novembro*: o fato que se comenta era ainda recente, e a indicação da data, portanto supérflua, embora se possa justificar a carga afetiva de “triste tarde de novembro”;
- *quando percorria a cidade de Dallas*: também dispensável, pois, como a data, o nome da cidade onde ocorreu o crime estava ainda muito vivo na memória do leitor;
- *aclamado...*, *cercado pela simpatia do povo do grande Estado do Texas*: pormenores óbvios, dadas as circunstâncias. Talvez se justifiquem só por estabelecer um contraste emotivo com o assassinio;
- *terra natal, aliás, do seu sucessor, o Presidente Johnson*: o Presidente Johnson nada tem a ver com o crime nem com o comentário que dele se faz;
- *provocado pelo sacrifício do jovem estadista americano*: nenhum outro fato referido no trecho poderia ter provocado o impacto emocional;
- *tão cedo roubado à vida*: clichê ou lugar-comum que não diz nada de novo;
- *que nos fazia, por assim dizer, responsáveis por esse crime estúpido*: se o sentimento era de culpa coletiva, é claro que todos nos sentíamos como que responsáveis; redundância.

Eliminadas as excrescências e redundâncias, o período ganharia em concisão e unidade:

O assassinio do Presidente Kennedy chocou a humanidade inteira, não só pelo impacto emocional mas também por uma espécie de sentimento de culpa coletiva por esse crime que a História gravará como o mais abominável do século.

O seguinte parágrafo revela os moldes habituais de redação no curso secundário:

Quando eu tinha quatro anos de idade e morava com uma tia viúva e já idosa, que passava a maior parte do dia acariciando um gatarrão peludo sentada numa velha e rangente cadeira de balanço, na sala de jantar da nossa casa, que ficava nos subúrbios, próxima ao Hospital São Sebastião, já era louco por futebol.

Parece que o propósito do autor era dizer que gostava de futebol desde a idade de quatro anos. Então, para que alongar-se em pormenores a respeito da tia velha e viúva (“que passava a maior parte do dia...”) e da casa suburbana (“que ficava próxima ao Hospital...”), pormenores que nem indertamente se relacionam com a preferência do autor por aquele esporte?

Fale-se da tia em outro parágrafo ou pelo menos em outro período. Com a eliminação dessas excrescências, o trecho ganharia não apenas unidade mas também maior clareza, por mais se aproximarem a prótase e a apódose:

Quando eu tinha quatro anos e morava com uma tia viúva e idosa, numa casinha dos subúrbios, já era louco por futebol.

4.2.3 Frases entrecortadas (ver 1. Fr., 2.3) freqüentemente prejudicam a unidade do parágrafo; selecione as mais importantes e transforme-as em orações principais de períodos menos curtos

ORIGINAL	REVISÃO
Sai de casa hoje de manhã muito cedo. Estava chovendo. Eu tinha perdido o guarda-chuva. O ônibus custou a chegar. Eu fiquei todo molhado. Apanhei um bruto resfriado.	Quando sai de casa hoje de manhã muito cedo, estava chovendo. Como tinha perdido o guarda-chuva e o ônibus custasse a chegar, fiquei todo molhado e apanhei um bruto resfriado.

As três idéias mais importantes são *estar chovendo*, *ficar todo molhado* e *apanhar um resfriado*: daí, a sua forma de orações independentes. Com essa nova estrutura, ganha o parágrafo maior unidade e coesão, embora a primeira versão seja perfeitamente aceitável como forma de expressão em língua falada.

4.2.4 Ponha em parágrafos diferentes idéias igualmente relevantes, relacionando-as por meio de expressões adequadas à transição

O Brasil de hoje empenha-se, com intenso esforço, na tarefa de vencer o seu subdesenvolvimento crônico. Muitos obstáculos, contudo, se opõem a esse propósito. Problemas inadiáveis, de importância fundamental, impedem o progresso do país. O crescimento industrial e a exploração de novas fontes de riqueza estão a exigir uma elite de técnicos capazes de realmente acionar o aproveitamento de nossas potencialidades econômicas em benefício do progresso nacional. As universidades vêm falhando lamentavelmente em virtude da sua incapacidade de prover a formação de técnicos em alto nível. Seus currículos desatualizados, a precariedade dos laboratórios, a ausência do espírito de pesquisa, o desamparo das autoridades, que se viciaram na rotina burocrática, e outros fatores constituem óbices ao preparo de profissionais capazes.

(Redação de aluno)

A idéia-núcleo dos três primeiros períodos é o empenho do Brasil em vencer o seu subdesenvolvimento crônico; a dos dois seguintes, a necessidade de uma elite de técnicos que as universidades se revelam incapazes de

formar. O último período mostra mais detalhadamente o despreparo das nossas universidades. São essas as três principais idéias do trecho; juntando-as num só parágrafo, o autor não apenas reduziu a importância das duas últimas mas também deixou de indicar, de maneira explícita, as relações entre elas, o que seria fácil com uma simples partícula "ora", antes de "o crescimento industrial", e uma conjunção adversativa antes de "as universidades", com a qual marcaria o contraste entre a necessidade de uma elite de técnicos e a incapacidade das nossas universidades para formá-los. A seguinte versão do trecho, com ligeiras alterações, seria mais satisfatória:

O Brasil de hoje empenha-se, com intenso esforço, na tarefa de vencer o seu subdesenvolvimento crônico. Entretanto, muitos obstáculos, representados por problemas inadiáveis, de importância fundamental, se opõem a esse propósito, dificultando o progresso do País.

Ora, o crescimento industrial e a exploração de novas fontes de riqueza, com que nos livraremos do subdesenvolvimento, estão a exigir uma elite de técnicos capazes de realmente acionar o aproveitamento de nossas potencialidades econômicas. No entanto, as nossas universidades vêm falhando lamentavelmente na sua missão de formá-los, em virtude de vários fatores, tais como currículos desatualizados, precariedade dos laboratórios, ausência do espírito de pesquisa e desamparo das autoridades.

Eliminadas as redundâncias, ficaram distribuídas em dois parágrafos as duas idéias mais importantes: o empenho em vencer o subdesenvolvimento e a necessidade de técnicos que as universidades não estão em condições de formar.

4.2.5 O desenvolvimento da mesma idéia-núcleo não deve fragmentar-se em vários parágrafos

Diversos fatores têm sido responsáveis pelas transformações que se estão verificando na região de colonização estrangeira.

O rádio é um deles; o cinema, o outro; a facilidade de transportes, com estradas e veículos, igualmente.

O rádio é utilizado no meio rural e nas cidades, e através dele divulgam-se notícias de todos os tipos, propaganda, transmissões de jogos e bailes, notícias de aniversários, etc.

O cinema, igualmente, vai penetrando mesmo nos meios rurais; cada vila tem o seu pequeno cinema, onde há projeções, uma vez por semana.

Nas cidades, o cinema está aberto todos os dias.¹⁴

(M. Diégues Júnior, *Regiões culturais do Brasil*, p. 367)

¹⁴ Na sua forma original, o trecho corresponde, como deve, a um só parágrafo; que nos desculpe o Autor a liberdade de fragmentá-lo para servir de ilustração.

O núcleo desses cinco pseudoparágrafos é um só: a declaração contida no primeiro, que é, verdadeiramente, o tópico frasal, sendo os demais apenas desenvolvimento dele. Fragmentada como está a idéia-núcleo (relembramos, para evitar falso julgamento, o teor da nota do rodapé), perde-se a noção de unidade; fica-se com a impressão de que o Autor enunciou vários tópicos frasais mas não os desenvolveu.

É certo que, por motivos não relacionados com o desenvolvimento lógico do parágrafo — propósito de ser mais claro ou de tornar a leitura mais fácil — muitos autores, principalmente jornalistas, atomizam seus parágrafos, reduzindo-os a poucas linhas sem levar em conta a íntima relação entre as idéias. Também a intenção didática pode justificar o desmembramento do que deveria ser um parágrafo longo em vários curtos. É o que faz sistematicamente Antenor Nascentes, e não apenas nos seus livros didáticos. No trecho abaixo transcrito, depois de se referir à influência francesa na cultura brasileira a partir do século XVIII, prossegue o Autor:

E continua a dominar a França intelectual e artística. Somos tributários da cultura francesa por intermédio do grande veículo que é a língua.

Ainda hoje não são numerosos os que entre nós cultivam o inglês e o alemão.

Línguas não latinas, muito diferentes da nossa, só despertam o interesse dos homens de ciência.

O espanhol e o italiano, latinas e fáceis, não servem entretanto a uma cultura com a universalidade da francesa.

Daí esta situação predominante da velha Gália.

Uma vez afeitos aos moldes franceses, nunca mais deixamos de segui-los.

Lá vêm naturalistas após românticos, mais tarde parnasianos, modernistas, etc.

(*Estudos filológicos*, p. 16)

A idéia-núcleo de todo o trecho está contida no primeiro parágrafo, e os seis restantes nada mais são do que o desenvolvimento dela. Numa paragrafação com características menos pessoais e mais de acordo com os nossos hábitos lingüísticos em língua escrita, teríamos aí matéria para apenas um parágrafo, e não sete.

É verdade igualmente que a intenção do autor, a sua atitude em face do tema, refletida num feitiço de frase mais ou menos sentencioso, com tonalidade lírico-filosófica, pode até mesmo aconselhar esse tipo de paragrafação fragmentada. É o que fazem, entre outros modernos, Álvaro Moreira e Aníbal Machado:

Os miudinhos fincam, fincam, refinam os alfinetes na pele do gigante.
E correm azafamados, fazendo combinações.

Cada miudinho com sua miudinha.

Os miudinhos-*niebelungen* cavam a terra, cavam o nariz e cavam na vida.

E quando nada mais têm que cavar, beliscam o gigante.

O gigante é o inacreditável *Outro*, o indevido gigante.

(Aníbal Machado, *Cadernos de João*, p. 199)

José de Alencar, principalmente nos seus romances indianistas — e sobretudo em *Ubirajara*, onde praticamente todos os parágrafos são constituídos por um e no máximo dois períodos curtos, salvo algumas falas de personagens — abusa desse processo de desenvolvimento de uma idéia-núcleo numa série de parágrafos de extensão muito limitada.

Em outros casos e autores, a paragrafação fragmentada decorre de um critério pessoal arbitrário — uma espécie de cacoete estilístico — ou de injunções de um estilo de época, como aconteceu na fase inicial e tumultuária do modernismo, tanto no Brasil quanto alhures.

De qualquer forma, ressalvados os casos particulares, o desenvolvimento da mesma idéia-núcleo numa série de parágrafos breves ou não (não é sua extensão que se condena) é freqüentemente sintoma de falta de organização ou planejamento, como se o autor estivesse pulando de um tópico frasal para outro sem desenvolver suficientemente cada um deles.

Em conclusão: para conseguir unidade através da estrutura do parágrafo, deve o estudante:

- a) dar atenção ao que é essencial, enunciando claramente a idéia-núcleo em tópico frasal;
- b) não se afastar, por descuido, da idéia predominante expressa no tópico frasal;
- c) evitar digressões irrelevantes ou impertinentes, *i.e.*, que não sirvam à fundamentação das idéias desenvolvidas. São cabíveis apenas as intencionais, e não as que decorrem somente de associações de idéias num ludismo de palavra-puxa-palavra. Mas, de qualquer forma, nunca devem as digressões ser mais extensas do que o próprio desenvolvimento do pensamento central, a que o autor deve voltar logo, dentro do *mesmo* parágrafo, e não no seguinte;
- d) evitar a acumulação de fatos ou pormenores que “abafem” a idéia-núcleo;
- e) inter-relacionar as frases ou estágios do desenvolvimento por meio de conectivos de transição e palavras de referência adequados à coerência, da qual depende também, em grande parte, a unidade (ver 4.4, “Como obter coerência”).

4.3 Como conseguir ênfase

Em tópicos anteriores (1. Fr., 1.4.1 e 1.5.3), já nos referimos a alguns dos recursos de que dispõe a língua para dar realce a determinada idéia. Vejamos agora outros de maneira mais especificada.

4.3.1 Ordem de colocação e ênfase

Como se sabe, a colocação das palavras na frase constitui um dos processos mais comuns e mais eficazes para dar relevo às idéias. Todas as línguas têm o seu sistema próprio de ordenar termos e orações dentro do período, mas em geral a disposição desses elementos está condicionada ao rumo do raciocínio, à seqüência lógica, à clareza e à ênfase. No que se refere ao Português, a chamada *ordem direta* consiste, teoricamente pelo menos, em antepor-se o sujeito ao verbo e este aos seus complementos essenciais. Mas a própria gramática admite uma série de exceções, já que o “uso, a rapidez, a concisão, o vigor, a harmonia do discurso, a impetuosidade das paixões e dos sentimentos que salteiam o espírito na enunciação das idéias e muitas vezes a clareza do pensamento e a perspicuidade do estilo, contrapondo-se a essa ordem analítica ou ordinária [direta], obrigam a linguagem a recorrer constantemente às inversões para com mais exatidão debuxar o mesmo pensamento de que é ela o transunto fiel” (Ernesto Carneiro Ribeiro, *Serões gramaticais*, 2ª ed., p. 853).

À figura de construção com que se designa a alteração da ordem direta dão as gramáticas modernas o nome genérico de *inversão*; algumas continuam, entretanto, a servir-se daquela nomenclatura consagrada pela retórica dos velhos tempos: *anástrofe*, *hipérbato*, *prolepse* e *sínquise*, de distinção nem sempre fácil mas quase sempre inútil. O vernáculo *inversão* é mais simples e mais claro.

Diz-se que há *inversão* quando qualquer termo está fora da ordem direta, fora da sua posição normal ou habitual. A inversão pode dar à frase mais vigor e mais energia, o que é o mesmo que dizer: mais ênfase, realce ou relevo. Se, pela ordem direta, o objeto direto, o objeto indireto e o predicativo se pospõem ao verbo, basta antepô-los para que eles, por ocuparem uma posição insólita, ganhem maior relevo. Confrontem-se as duas versões seguintes:

Ordem direta: Deus fez o homem à sua imagem e semelhança.

Ordem inversa: O homem, fê-lo Deus à sua imagem e semelhança.

É evidente que a posição incomum de *homem* no início da segunda versão lhe dá maior realce do que o que lhe advém da colocação normal na primeira. Pode-se conseguir o mesmo efeito com os demais termos. Se

se quisesse realçar “à sua imagem e semelhança”, bastaria, no caso, a anteposição:

À sua imagem e semelhança, fez Deus o homem.

Se o propósito é fazer sobressair a ação, inicie-se a frase com o verbo:

Fez Deus o homem à sua imagem e semelhança.

Na seguinte frase de Rui Barbosa, maior ênfase ganha o objeto indireto “a mim”, porque, anteposto ao verbo, com ele se inicia o período:

A mim, na minha longa, aturada e contínua prática do escrever, me tem sucedido inúmeras vezes, depois de considerar por muito tempo necessária e insuprível uma locução nova, encontrar vertida em expressões antigas mais clara, expressiva e elegantemente a mesma idéia.

Há no período outras inversões, que vão ressaltando, cada uma a seu modo, o sentido das expressões ou termos em que incidem. Posta na ordem direta, a frase assumiria feição menos satisfatória, e até mesmo desaconselhável quanto à posição do último adjunto adverbial:

Encontrar a mesma idéia vertida em expressões antigas mais clara, expressiva e elegantemente tem-me acontecido inúmeras vezes na minha prática longa, aturada e contínua do escrever depois de considerar necessária e insuprível uma locução nova por muito tempo.

Nesta versão, até onde for aceitável, a maior ênfase está no infinitivo “encontrar”, que, com seu complemento, constitui o sujeito de “tem-me acontecido”.

Na conhecida narrativa de Alexandre Herculano, transcrita em várias antologias sob o título de “O rei e o arquiteto”, a resposta de Afonso Domingues, se construída em ordem direta, não chegaria a revelar toda a indignação de que se sentiu possuído o velho arquiteto cego por ter o rei dado a outro o cargo de mestre-de-obras do mosteiro de Santa Maria. Essa sobrecarga afetiva decorre em grande parte da ênfase resultante da anteposição dos predicativos “arquiteto” e “sabedor”.

— *Arquiteto* do mosteiro de Santa Maria, já o não sou; *Vossa Mercê* me tirou esse encargo; *sabedor* nunca o fui, pelo menos assim o crêem e alguns o dizem.

Note-se ainda que, quando se verifica a anteposição do objeto direto, objeto indireto e predicativo, é muito comum dar-se à oração um torneio pleonástico, repetindo-se esses termos nos pronomes átonos correspondentes (*o homem... fê-lo, a mim... me* tem acontecido, *arquiteto... já o não sou*).

Esse processo de iniciar orações, principalmente curtas, com o termo a que se quer dar maior ênfase, era comum no latim. Em *Alexander vicit Darium*, o que se salienta é a personalidade de Alexandre (sujeito); em *Darium Alexander vicit*, ressalta-se o sentido de Dario (objeto direto). Mas se é a ação de vencer, se é a vitória propriamente que se deseja pôr em primeiro plano, a frase assume outra feição: *Vicit Darium Alexander*. Essa liberdade de colocação só é possível, entretanto, nas línguas de declinações, como o latim e o grego. O português se vê até certo ponto tolhido, mas ainda assim dispõe de recursos bem numerosos, como veremos a seguir.

Em tese, todos os termos da oração podem ser deslocados para ganhar maior realce (e também por questão de clareza, ritmo e eufonia). Ao tratarmos do parágrafo de narração (3.2), demos como exemplo um tópico de reportagem policial em que a ênfase incide na circunstância de causa (*porque*), expressa como está no princípio do período. Variemos essa posição e consideremos os matizes enfáticos daí resultantes:

- a) ênfase no “quem” referente ao protagonista:
Pedro da Silva, pedreiro, de trinta anos, residente na Rua Xavier, 25, Penha, matou ontem, em Vigário Geral, seu colega Joaquim de Oliveira, com uma facada no coração, porque este não lhe quis pagar uma garrafa de cerveja.
- b) ênfase no “quem” referente ao antagonista:
Joaquim de Oliveira foi assassinado ontem, em Vigário Geral, com uma facada no coração, dada por seu colega Pedro da Silva, por se ter negado a pagar-lhe uma garrafa de cerveja.
- c) ênfase no “como” (ou no “com quê”):
Com uma facada no coração, Pedro da Silva matou ontem seu colega Joaquim de Oliveira porque... etc.
- d) ênfase no “onde”:
Em *Vigário Geral*, Pedro da Silva matou ontem seu colega... etc.
- e) ênfase no “quando”:
Ontem, em Vigário Geral, Pedro da Silva matou... etc.

São frases típicas do estilo jornalístico, em que a procura da ênfase através da posição das palavras no texto, nos títulos ou manchetes, constitui preocupação constante de redatores e repórteres.

Vejamos outro exemplo, sugerido também pelo noticiário jornalístico: a legenda que acompanha um clichê onde aparece, digamos, o Sr. Joaquim Carapuça recebendo das mãos do Reitor da Universidade de Jacutinga o seu diploma de bacharel em Direito. Nesse caso, a ênfase não resulta apenas da posição mas também da função do termo, a qual por sua vez decorre do ponto de vista em que se coloca o autor da frase com o propósito de focalizar mais de perto determinado fato ou personagem. Os dizeres da legenda podem ser mais ou menos os seguintes:

- a) O Sr. Joaquim Carapuça recebe das mãos do Magnífico Reitor da Universidade de Jacutinga o seu diploma de bacharel em Direito.

Esta seria a forma preferida pelo J. Carapuça, pois nela seu nome encabeça a frase, funcionando ainda como sujeito do único verbo da legenda. Mas talvez não agradasse ao Reitor, que preferiria vê-la redigida de outra maneira:

- b) O Magnífico Reitor entrega ao Sr. J. Carapuça o seu diploma de bacharel em Direito.

Se, entretanto, a Universidade de Jacutinga desejasse fazer a sua “promoção”, a ordem dos termos e estrutura da frase seriam diversas:

- c) Na Universidade de Jacutinga realizou-se ontem a solenidade de formatura dos seus bacharéis em Direito. A foto fixa um momento dessa festividade.

Se o Sr. J. Carapuça tivesse interferência na redação da legenda, haveria de querer se acrescentasse a “dessa festividade”, a oração temporal “quando o Sr. J. C. recebia o seu diploma”. Posta assim na outra extremidade do período, essa oração daria ao nome de J. C. ênfase proporcional à que tem Universidade de Jacutinga.

Os adjuntos adnominais representados por adjetivos ou locuções adjetivas vêm, em geral, pospostos ao nome que modificam; mas aqui também o realce pode justificar a sua anteposição. É sabido, por outro lado, que certos adjetivos, em certos casos, exprimem caracterização concreta quando pospostos, e abstrata, quando antepostos: *homem grande* e *grande homem*, *homem pobre* e *pobre homem*, *período simples* e *simples período*. Os pronomes-adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos) e também os numerais vêm, de regra, antes do nome, pospondo-se em casos excepcionais, por sutilezas estilísticas de ordem enfática.

Quanto aos adjuntos adverbiais, é de norma pô-los junto ao verbo, pospostos ou antepostos conforme a seqüência lógica, a clareza, a ênfase e a harmonia da frase. Se houver mais de um e a seqüência lógica o permitir, é conveniente distribuí-los, pondo um ou uns antes e outro ou outros depois do verbo. A verdade, entretanto, é que não existe nenhum princípio rígido quanto à posição desse termo acessório, embora seja recomendável: 1º, iniciar com ele ou eles a oração, se se pretende dar-lhes maior realce; 2º, evitar deslocções que possam tornar a frase ambígua ou obscura.¹⁵

Observe-se a gradação enfática do adjunto adverbial “antes do jantar” nas diferentes posições que ocupa nas seguintes versões do mesmo período:

¹⁵ Consulte-se, a propósito, SAID ALI, M. *Gramática secundária*, p. 198 e seg., e também JUCÁ (filho), Cândido, *O fator psicológico na evolução sintática*, p. 164-5.

- a) Eu, *antes do jantar*, costume ler o jornal.
- b) *Antes do jantar*, costume ler o jornal.
- c) Costume ler o jornal *antes do jantar*.
- d) Costume ler, *antes do jantar*, o jornal.
- e) Costume, *antes do jantar*, ler o jornal.

Parece que a melhor versão é aquela em que o adjunto ganha maior relevo, colocado como está no princípio da oração. As intercalações nas versões a), d) e e) aparentemente interrompem a cadência da frase, sobretudo em d), onde os dois *grupos de força* — *costumo ler* e *antes do jantar* — têm uma extensão e uma cadência diversas do terceiro — *o jornal*. O período se tornaria mais harmonioso se se fizessem isócronos ou similitantes os três grupos de força, isto é, os três estágios rítmicos da frase, alongando-se o terceiro com um adjunto adequado:

Costumo ler, antes do jantar, o jornal *da tarde*.

em que cada grupo passaria a ter quase o mesmo número de sílabas (4, 5 e 6, respectivamente).

Conviria indagar se a segunda versão (b) é mais enfática por ser mais comum na corrente da fala ou se é mais comum por ser mais enfática. É possível que, ainda aqui, se aplique aquela norma de estruturação do período a que nos referimos em 1. Fr. — 1.5: a prótase de *antes do jantar* deixa em suspenso o sentido do resto da frase, sentido que só se vai completar com o termo *jornal*. Na terceira versão, o adjunto, elemento acessório da frase, está em posição de destaque mais adequada a termos essenciais (sujeito, verbo ou complementos). Desfeita a prótase, o sentido principal da oração se completa no objeto direto *o jornal*, antes, portanto, do fim. Assim, a posição que ocupa é a que, de preferência, deveria caber a um termo essencial, ou, no caso do período composto, à oração principal.

Vejamos um caso em que a posição de termos em fim de oração pode contribuir para a ênfase. Admitamos que se queira fazer uma declaração a respeito de Joaquim Carapuça, lançando-se mão dos seguintes elementos:

- a) político de grande futuro;
- b) meu melhor amigo;
- c) pai da Estela.

Na primeira versão, o que se deseja é realçar a qualidade de “político de grande futuro”:

O meu melhor amigo, Joaquim Carapuça, pai da Estela (ou “que é pai da Estela”), é um político de grande futuro.

Confronte-se essa estrutura com aquela que se iniciasse pelo termo a que se pretendesse dar maior ênfase:

É um político de grande futuro o J. Carapuça, pai da Estela e meu grande amigo.

Como o sentido mais importante está completo na oração enunciada logo de saída, os termos secundários ou acessórios (os apostos *pai da Estela* e *meu melhor amigo*), ao invés de se destacarem, tornam-se quase supérfluos, já que o entendimento do essencial da comunicação deixa de depender deles.

Na versão seguinte, o que se ressalta em Joaquim Carapuça é a sua condição de “pai da Estela”:

O meu melhor amigo, Joaquim Carapuça, político de grande futuro, é o pai da Estela.

A terceira variante destacará em J. Carapuça a sua condição de “meu melhor amigo”:

J. Carapuça, pai da Estela e político de grande futuro, é o meu melhor amigo.

Note-se nas três versões: 1ª, a idéia mais importante está expressa nos termos essenciais da oração, e as secundárias, nos termos acessórios (os apostos); 2ª, um dos termos essenciais dessa oração (no caso, o predicativo) deslocou-se para o fim da frase, cuja estrutura, mais complexa do que a do exemplo de Alexandre Herculano, não aconselharia sua anteposição.

Há uma infinidade de matizes semânticos e enfáticos nas frases seguintes, como decorrência da posição da partícula “só”:

- a) *Só* ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
- b) Ele *só* ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
- c) Ele ganhou *só* mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
- d) Ele ganhou mil reais *só* pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas.
- e) Ele ganhou mil reais pela remoção *só* do lixo acumulado durante duas semanas.
- f) Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo *só* acumulado durante duas semanas.
- g) Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado *só* durante duas semanas.

- h) Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante só duas semanas.
- i) Ele ganhou mil reais pela remoção do lixo acumulado durante duas semanas só.

As nove posições diferentes da partícula “só” são perfeitamente cabíveis sem injúria à estrutura da língua. Poder-se-á preferir uma ou outra, segundo se deseje realçar esta ou aquela idéia, do que resultará também ligeira mudança de sentido:

- a) ele apenas e mais ninguém ganhou mil reais; ou a quantia que ele ganhou foi muito considerável;
- b) ele poderia ter ganho mais; merecia mais;
- c) mais ou menos o mesmo sentido de b);
- d) o trabalho foi pouco para os mil reais que recebeu;
- e) não tinha de remover mais nada: só o lixo;
- f) a remoção não era de todo o lixo, mas apenas do acumulado durante as duas semanas;
- g) , h), i) têm o mesmo sentido de f).

É evidente que a liberdade de colocação encontra seus limites nas exigências da clareza e da coerência, qualidades que devem sobrepor-se à ênfase, quando não é possível conciliar as três na mesma frase.

Por vezes, a simples deslocação de um adjunto adverbial torna as idéias obscuras ou incoerentes, como no seguinte período:

O protagonista da história diz que não quer casar no primeiro capítulo, mas já concorda em fazê-lo no quarto.

A má colocação de “no primeiro capítulo” e “no quarto (capítulo)” dá à frase um sentido ambíguo e chistoso. Pelas mesmas razões, é igualmente ambíguo e incoerente no seguinte trecho:

Estou pronto a discutir com você, quando quiser, esse assunto.

em que “esse assunto” não é, por certo, o complemento de “quiser”, mas de “discutir”; nem mesmo as duas vírgulas que separam “quando quiser” eliminam totalmente a ambigüidade.

Casos como esses levam-nos a contrapor a regrinha da ênfase (“coloque em posição de destaque as palavras de maior relevância”) às da clareza e da coerência: *aproxime tanto quanto possível termos ou orações que se relacionem pelo sentido*. Da aplicação equilibrada dessas duas diretrizes podem depender em grande parte as três qualidades primordiais da frase: a clareza, a coerência e a ênfase.

4.3.2 Ordem gradativa

A gradação, recurso de ênfase tanto quanto propriamente de coerência, consiste em dispor as idéias em ordem crescente ou decrescente de importância: “*Anda, corre, voa, se não perdes o trem*” (crescente); “*Uma palavra, um gesto, um olhar bastava*” (decrescente).

Alguns autores — como Vieira, Eça de Queirós e Rui Barbosa — parecem deliciar-se no apelo a esses recursos típicos da oratória clássica. São trechos antológicos os seguintes:

De Vieira:

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo *gasta*, tudo *digere*, tudo *acaba*.

Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, *tosca, bruta, dura, informe*.

De Eça:

...é só *relembrando, revivendo, ressofrendo* as suas dores que a Alma se *corrige, se liberta, se aperfeiçoa, se torna mais própria para Deus*.

De Rui:

(O regato) corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: *creesceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o e, afinal, o transpõe...*

Numerosos modelos desse gênero de gradação encontram-se em obras do século XVII, principalmente na oratória de Vieira, de quem citamos abaixo outro trecho também antológico, e dos mais conhecidos:

É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, as cidades, os castelos, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum que ou não se padeça ou não se tema, nem bem que seja próprio e seguro: o pai não tem seguro o filho; o rico não tem segura a fazenda; o pobre não tem seguro o seu suor; o nobre não tem segura a sua honra; o eclesiástico não tem segura a imunidade; o religioso não tem segura a sua cela; e até Deus, nos templos e nos sacrários, não está seguro.

(Sermão... nos anos da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia)

Todo o parágrafo é constituído por uma série de gradações ostensivas, a começar do primeiro período, onde os três substantivos — *fazendas, sangue e vidas* — se enfileiram em ordem crescente de importância: a perda das fazendas (bens materiais) é menos lastimável do que a do sangue, e a deste, menos do que a das vidas.

Nas três definições metafóricas de guerra (*É a guerra aquele monstro..., aquela tempestade..., aquela calamidade*) há outra gradação intensiva quanto ao significado, ainda mais viva porque o Autor parte do concreto para o abstrato. No segundo período, a enumeração iniciada por “campos” é também crescente quanto à intensidade: os campos valem menos do que as casas, estas menos do que as vilas, as cidades e os castelos (“por natureza mais próprios para sua defesa”); os reinos, menos do que as monarquias (“compostos por vezes de vários reinos”). O mesmo sentido de progressão se observa na série iniciada após os dois-pontos, passando do ambiente familiar (o pai não tem seguro o filho) para o social (os ricos, os pobres, os eclesiásticos, os religiosos) “até chegar ao universal e ultra-sensível” (Deus, nos templos e nos sacrários).¹⁶

4.3.3 Outros meios de conseguir ênfase

4.3.3.1 Repetições intencionais

Se a repetição resultante da pobreza de vocabulário ou de falta de imaginação para variar a estrutura da frase pode ser censurável, a repetição intencional representa um dos recursos mais férteis de que dispõe a linguagem para realçar as idéias:

Tudo se encadeia, tudo se prolonga, tudo se continua no mundo...
(O. Bilac)

Vieram os horrores dantescos da ilha das Cobras. Vieram cenas trágicas do Satélite. Vieram os escândalos monstruosos da corrupção administrativa. Vieram as afrontas insolentes à soberania da justiça. Vieram as dilapidações orgiáticas do dinheiro da nação (R. Barbosa).

Os clássicos, notadamente os do período barroco, abusavam dessa figura, que a velha retórica se esmerava em esmiuçar em *reduplicação* (repetição seguida), *diácope* (com intercalação de outras palavras), *anáfora* (repetição no início de cada frase ou verso), *epanalepse* (no meio), *epístrofe* (no fim), *simploce* (no princípio e no fim), *anadiplose* (no fim de uma oração e no princípio da seguinte). Só mesmo parodiando a frase latina (*O tempora, o mores!*) para expressar nosso espanto diante dessa nomenclatura rebarbativa, com que até não faz muito tempo alguns mestres e gramáticos ainda se deliciavam: *Ó tempos, ó termos!* (Nos tempos modernos, críticos, lingüistas, semiólogos deliciam-se com outros *termos*, igualmente rebarbativos. É a nova “retórica”).

¹⁶ Esse parágrafo final de interpretação é quase paráfrase de trecho de um excelente livrinho de E. Costa Marques — *Problemas de análise literária*, Livraria Coimbra, Gonçalves, 1948, p. 107. O texto está entre aspas, mas a ordem das idéias é do Autor citado.

Se à repetição se aliam ainda outros artifícios de estilo como a gradação (ascendente e descendente) e efeitos melódicos, a frase chega a saturar-se de intensificações, como o seguinte exemplo de Rui Barbosa:

Mentira de tudo, em tudo e por tudo (...) Mentira nos protestos. Mentira nas promessas. Mentira nos programas. Mentira nos projetos. Mentira nos progressos. Mentira nas reformas. Mentira nas convicções. Mentira nas transmutações. Mentira nas soluções. Mentira nos homens, nos atos, nas coisas. Mentira no rosto, na voz, na postura, no gesto, na palavra, na escrita. Mentira nos partidos, nas coligações, nos blocos.

Note-se a superabundância dos recursos oratórios de que se serve o Autor para realçar as idéias: a repetição intencional da palavra-chave *mentira*, as aliteraões (*protestos, promessas, programas, projetos, progressos*) os ecos (*convicções, transmutações, soluções*), as gradações ascendentes (clímax) das três fases finais constituídas pela enumeração dos adjuntos, a começar de “nos homens” até “nos blocos”. Assinale-se ainda a estrutura nominal das frases e o seu feio entrecortado ou asmático.

4.3.3.2 Pleonasmos intencionais

Quando resulta de descuidos ou de ignorância do verdadeiro sentido das palavras, o pleonasma constitui defeito abominável. Entretanto, empregado com habilidade, realça sobremaneira a expressão das idéias. Os antigos, mais do que os modernos, recorriam a essa figura de construção, que Rui Barbosa chegou a defender com certo ardor na *Réplica*. Ainda há pouco (4.3.1) nos referimos a um dos casos mais comuns — o da repetição do objeto direto, do indireto e do predicativo. Também o sujeito, é verdade que mais raramente, pode ser pleonástico, como no exemplo de Mário Barreto (*Novos estudos*): “Os *mediócrs*, esses deixam-se levar sem resistência na torrente das inovações.” O assunto vem tratado em todas as gramáticas de nível fundamental, onde o leitor encontrará mais informações e maior número de exemplos do que os que julgamos sensato incluir neste tópico.¹⁷

4.3.3.3 Anacolutos

A interrupção da ordem lógica, como decorrência de um desvio no rumo do raciocínio, é o que as gramáticas chamam de *anacoluto*. Esta figu-

¹⁷ Consulte-se a propósito o excelente estudo de Jesus Belo Galvão, *O pleonasma e mais dois estudos de língua portuguesa*, p. 17-56.

ra, estereotipada em construção do tipo “eu, quer-me parecer que não lhe sobram razões”, é usual tanto na língua do povo quanto na obra dos bons escritores. Se é intencional, ou estereotipado como no exemplo supra, seu valor enfático pode ser considerável. Na maioria dos casos, entretanto, constitui um grave defeito de estilo, por traduzir desconhecimento de princípios elementares de estrutura sintática, ou resultar de distrações que redundam em fragmentos de frase muito comuns no estilo dos principiantes ou incautos. O emprego eficaz e expressivo do anacoluto exige assim muito cuidado; só o exemplo dos bons autores pode servir ao principiante como guia. Rui Barbosa, na *Réplica*, Júlio Ribeiro, na sua *Gramática*, Latino Coelho, em *Elogios acadêmicos*, fazem a louvação do anacoluto. Said Ali, no seu magistral livrinho — *Meios de expressão e alterações semânticas* (Organização Simões, 1961, 2ª ed.) — dedica-lhe todo um capítulo, rico de lucidíssimas explicações e exemplos.

4.3.3.4 Interrupções intencionais

Interromper bruscamente a frase, deixando-a em suspenso com o propósito de chamar a atenção para o que se segue, é outra maneira de enfatizar idéias. Machado de Assis é freqüentemente reticencioso, sobretudo em *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou. (cap. XXVI)

Ora, o Brasinho! Um homem! Quem diria, há anos... Um homenzarrão! (Id., XXIX)

4.3.3.5 Parênteses de correção

Semelhante, pelos efeitos, a essas reticências intencionais, é o parêntese de correção, que permite se insinuar no meio de uma frase uma idéia nova, uma observação marginal curta, uma ressalva, ou retificação: “Voltando-se depois o Senhor (*não digo bem*), não se voltando o Senhor...” (A. Vieira). Às vezes, essas frases ou fragmentos incidentes vêm entre reticências, mas o seu efeito ou propósito é o mesmo: “Demais, a noiva e o parlamento são a mesma coisa... isto é, não... saberás depois...” (M. de Assis). (Rever 1. Fr., 2.8 — “Frasas parentéticas”)

4.3.3.6 Paralelismo rítmico e sintático

Também, o paralelismo rítmico e sintático ou gramatical contribui para a ênfase (rever 1. Fr., 1.4.5 e 1.4.5.1).

4.4 Como obter coerência

A coerência (do latim *cohaerens, entis*: o que está junto ou ligado) consiste em ordenar e interligar as idéias de maneira clara e lógica e de acordo com um plano definido. Sem coerência é praticamente impossível obter-se ao mesmo tempo unidade e clareza. Ela é, por assim dizer, a “alma” da composição. Os organismos vivos, os próprios mecanismos, só *funcionam* quando suas partes componentes se ajustam, se integram numa unidade compósita. Podem-se reunir as mil e uma peças de um aparelho de televisão, mas o conjunto só funcionará quando todas estiverem adequadamente ajustadas e conectadas segundo o esquema de montagem. Onze excelentes jogadores de futebol, onze Pelés, pouco rendimento obterão numa partida, se não se conjugarem as habilidades de cada um na sua posição e movimentação dentro do campo, segundo o plano do jogo e o objetivo do gol. Em outras palavras: assim como não basta encontrarem-se em campo onze Pelés que não se entendam, que não se articulem, assim também não é suficiente dispor de excelentes idéias que não se ajustem, não se entrossem de maneira clara, harmoniosa e coerente. (Rever 1. Fr., 1.1.1.)

Em geral, escrevemos à medida que as idéias nos vão surgindo: mas, como nosso raciocínio nem sempre é lógico, ocorrem lapsos, hiatos e deslocamentos extremamente prejudiciais à coerência e à clareza. Para evitar esse inconveniente, torna-se necessário planejar o desenvolvimento das idéias, *pondo-as numa ordem adequada* ao propósito da comunicação e *interligando-as por meio de conectivos e partículas de transição*. *Ordem e transição* constituem, pois, os principais fatores de coerência.

4.4.1 Ordem cronológica

No gênero narrativo, adota-se normalmente a ordem da sucessão dos fatos. Não se deve, assim, relatar *antes* o que ocorre *depois*, salvo se se pretende conseguir o que, nos romances policiais e seus similares, se chama de *suspense*, em que o interesse da narrativa decorre muitas vezes da escamoteação provisória de certos incidentes ou episódios ou da antecipação de outros. São freqüentes os romances policiais ou de mistério que se iniciam por onde deviam terminar — digamos, o relato sumário do crime —, reconstituindo-se depois, paulatinamente, os antecedentes (causas, motivos, circunstâncias) com a apresentação dos personagens. É o que em técnica cinematográfica se chama de *flashback*.

Se, entretanto, a narrativa é, legitimamente, histórica, essa subversão da ordem cronológica se torna absurda, pois prejudica a clareza e a coerência. É verdade que, mesmo nesse caso, se pode subverter a ordem cronológica mas somente nas cenas isoladas de intenso teor dramático, como, por exemplo, a de determinada fase de uma batalha.

A ordem dos fatos históricos no seguinte trecho é caótica: a inversão não visa aí, nem poderia visar, ao *suspense*:

Uma das características do progresso efetuado pela Humanidade do século XIX é a facilidade crescente dos meios de comunicação. Em 1830 funcionou a primeira via férrea para transporte de passageiros, começada em 1828. Já em 1807, Fulton navegava em barco a vapor no Hudson, de Nova York a Albany. Stephenson criou a locomotiva propriamente dita, evitando a aderência das rodas em 1814. Em 1819, o *Savannah*, pequeno *steamer*, foi de Savannah a Liverpool, e daí a S. Petersburgo. O vapor, cuja força Papin já observara no século anterior, chegou, graças a Watt, Jouffroy, Fulton e Stephenson, a realizações admiráveis: máquinas, navegação e viação férrea.

O trecho deveria desdobrar-se em dois parágrafos: no primeiro, as idéias gerais correspondentes aos períodos inicial e final; no segundo, as especificações representadas pela série de inventos e experiências, historiando-se os fatos na ordem sugerida pelas datas (1807 → 1814 → 1819 → 1830), ou dispondo-os, também cronologicamente, em torno das duas idéias principais — “barco a vapor” e “locomotiva”. É o que faz o Autor, Jônatas Serrano:

Generalizações

Uma das características do progresso efetuado pela Humanidade no século XIX é a facilidade crescente dos meios de comunicação. O vapor, cuja força Papin já observara no século anterior, chegou graças a Watt, Jouffroy, Fulton e Stephenson, a realizações admiráveis: máquinas, navegação, viação férrea.

Especificações em ordem cronológica: “barco a vapor” (1807 → 1819), “locomotiva” (1814 → 1830).

Fulton, em 1807, navegava em barco a vapor no Hudson, de Nova York a Albany. Em 1819, o *Savannah*, pequeno *steamer*, foi de Savannah a Liverpool, e daí a S. Petersburgo. Stephenson criou a locomotiva propriamente dita, evitando a aderência das rodas (1814); mas só em 1830 funcionou a primeira via férrea para transporte de passageiros, começada em 1828.

(*História da civilização*, p. 215)

4.4.2 Ordem espacial

Nas descrições é sempre aconselhável e, em certos casos, até mesmo imperioso, seguir a ordem em que o objeto é observado, isto é, a ordem por assim dizer imposta pelo ponto de vista: dos detalhes mais próximos para os mais distantes, ou destes para aqueles; de dentro para fora, da direita para esquerda, ou vice-versa, e assim por diante (rever Par., 3.1.2 e ver 8. Red. Téc.).

Note-se como Aluísio Azevedo descreve, em traços rápidos mas bastante identificadores, uma cama preparada para recém-casados. O observador tem primeiro uma visão de conjunto, a de quem acaba de entrar no quarto (“a cama estava imponente”). Em seguida, como que num movi-

mento de natural curiosidade, o olhar se detém no cortinado, “descendo” até as suas extremidades, onde encontra as quatro colunas de que pendem laços de cetim. Daí passa para outros detalhes contíguos (a colcha auriverde), notando, por fim, em posição de destaque, o “imenso feixe de tinhorões e crótons”:

A cama estava imponente: descia-lhe da cúpula um enorme cortinado de labirinto, que a avó do Luís, quando moça, recebera como presente de uma senhora do Porto, a cujo filho amamentara antes de vir para o Brasil; arrepanhavam-no pelas extremidades, à base das quatro colunas, grandes ramos de flores naturais, donde pendiam laços de cetim azul, baratinho, mas muito vistoso. Por cima da famosa colcha auriverde com armas brasileiras figurava uma cerimoniosa cobertura de rendas, sobre a qual se desfolharam rosas e bogaris; e lá no alto, por fora do sobrecéu, esparralhado contra o teto, um imenso feixe de tinhorões e crótons.

(*O homem*, p. 177)

A coerência desse parágrafo de descrição decorre, em grande parte, do fato de todos os pormenores do quadro se encadarem numa ordem espacial sugerida pela própria observação do objeto, feita por quem, em atitude natural, parece contemplá-lo pela primeira vez.

4.4.3 Ordem lógica

Na dissertação, nas explanações didáticas, na exposição em geral, é importantíssima a ordenação lógica das idéias. Pode-se iniciar o parágrafo por uma generalização, acrescentando-se-lhe fatos ou detalhes que a fundamentem (método dedutivo), ou partir dos detalhes (especificação) para chegar à conclusão (método indutivo). Se se estabelecem relações de causa e efeito, pode-se começar pela apresentação da primeira, enumerando-se depois as conseqüências, ou adotar processo inverso. Mas procure-se deixar sempre para o fim as idéias ou argumentos mais importantes.

No parágrafo que damos a seguir, a ordem lógica é evidente. Ele se inicia com uma generalização (tópico frasal), seguindo-se as especificações que a fundamentam, e termina por uma conclusão claramente enunciada, em que se amplia o sentido da declaração introdutória:

A mocidade é essencialmente generalizadora. Os casos particulares não interessam. A análise, exigindo demora e paciência, repugna ao espírito imediatista da mocidade, que não quer apenas mas quer já. E quer em linhas gerais que tudo abranjam. Esse espírito de fácil generalização leva os moços a concluírem com facilidade e a julgarem de tudo e de todos com precipitação e vasta dose de suficiência. Tudo isso, porém, é utilíssimo para os grandes empreendimentos que exigem certa dose de temeridade para serem levados avante. A mocidade é naturalmente totalitária e as soluções parciais não lhe interessam ou pelo menos não a satisfazem.

(A. Amoroso Lima, *Idade, sexo e tempo*, p. 72)

Todos os estágios do raciocínio do Autor se encadeiam coerentemente, graças inclusive ao emprego de palavras de referência e transição (“esse espírito”, “tudo isso”, “porém”), e a insistência nas idéias centrais, como a de “mocidade generalizadora”, por exemplo, que vem desenvolvida sob variantes adequadas: “os casos particulares não a interessam”, “a análise repugna ao espírito imediatista”, “quer em linhas gerais”, “que tudo abranjam”, “espírito de fácil generalização”, “concluírem com facilidade”, “julgarem com precipitação”. A de “querer”, que corre paralela à anterior, também se desdobra em variantes: “querer em linhas gerais”, “dose de temeridade”, “a mocidade é totalitária”, “as soluções parciais não lhe interessam”. Além disso, o enlace entre a introdução e a conclusão torna o parágrafo coerente.

Como se vê, pelo trecho citado, a ordem lógica depende em grande parte do encadeamento dos componentes da frase por meio da associação de idéias. Mas não é ordem apenas verbal ou sintática, pois implica substancialmente um processo de raciocínio dedutivo ou indutivo.

Não se acredite, entretanto, que só escreverão de maneira coerente os que tiverem compulsado manuais de lógica, embora se façam necessários exercícios práticos capazes de disciplinar o raciocínio. Há, por exemplo, uma ordem lógica de fatos ou eventos que está ao alcance até mesmo dos espíritos menos privilegiados: a que se baseia nas relações de causa e efeito. Qualquer indivíduo pode percebê-la pelo simples fato de estar vivendo. É a lógica dos acontecimentos, que nos força a uma resposta, a uma reação ou comportamento em determinado sentido, às vezes de maneira inevitável. A grande e constante perplexidade do homem em todos os tempos advém da ignorância da causa dos fatos ou eventos que o rodeiam, que o assaltam, que lhe condicionam o comportamento, mesmo no cotidiano e rotineiro. Descobrir a causa, saber o “porquê”, perceber a verdadeira relação entre o fato e sua(s) consequência(s) é estabelecer uma ordem lógica.

Qualquer estudante de primeiro grau que tenha recebido algumas lições elementares sobre fenômenos físicos estará em condições de explicar, em *ordem lógica*, por que chove, por que entre as extremidades dos trilhos das vias férreas fica sempre um pequeno intervalo ou por que um martelo, atirado de janela de apartamento, chega ao solo mais depressa do que uma folha de papel. Mostrada a relação de causa e efeito, ele estará habilitado a redigir um parágrafo coerente e lógico. Em plano mais elevado, é o que se faz nas pesquisas, nas dissertações, quer nas ciências quer na filosofia.

4.4.4 Partículas de transição e palavras de referência

A ordem de colocação é, assim, indispensável à coerência; mas não é suficiente. Urge cuidar também da *transição* entre as idéias, da *conexão* entre elas. Palavras desconexas são como fragmentos de um jarro de porcelana. É preciso “colá-las”, interligá-las para se obter uma unidade de comunicação eficaz.

É certo que na língua falada ou escrita, quando se traduzem situações simples, a inter-relação entre as idéias pode prescindir das partículas conectivas mais comuns. Ao tratarmos da justaposição (1. Fr., 1.4.2), mostramos como o liame entre orações e períodos muitas vezes se faz implicitamente, sem a interferência desses conectivos: uma pausa adequada, uma entonação de voz podem ser suficientes para interligar e inter-relacionar idéias:

Estou muito preocupado. Há vários dias que não recebo notícias de minha filha.

Temos aí dois períodos justapostos. A pausa e o tom da voz mostram que o segundo indica o motivo ou a explicação do primeiro. A ausência da conjunção explicativa (*pois, porque*) não impede que se perceba nitidamente essa relação.

Mas, em situações complexas, a presença dos conectivos e locuções de transição se torna quase sempre indispensável para entrosar orações, períodos e parágrafos.

Quanto mais civilizada é uma língua, quanto mais apta a veicular o raciocínio abstrato, tanto maior o acervo desses utensílios gramaticais. Alguns são legítimos *conectivos*: os *intervocabulares*, como, ocasionalmente, as conjunções aditivas e, sempre, todas as preposições; e os *interoracionais*, como todas as conjunções, os pronomes relativos e os interrogativos indiretos. Outros seriam mais apropriadamente chamados *palavras de referência*: os pronomes em geral, certas partículas e, em determinadas situações, advérbios e locuções adverbiais. (Em sentido mais amplo, até mesmo orações, períodos e parágrafos servem de transição no fluxo do pensamento.) A uns e outros englobamos aqui na dupla designação de *partículas de transição* e *palavras de referência*, que, na sua maioria, têm valor *anafórico* (quando no texto relacionam o que se diz ao que se disse) ou *catafórico* (quando relacionam o que se diz ao que se vai dizer).

Tal é a importância desses elementos, que muitas vezes todo o sentido de uma frase, parágrafo ou página inteira deles depende. Dois enunciados soltos, isto é, duas orações independentes e desconexas como “Joaquim Carapuça costuma vir ao Rio” e (ele) “Ganha muito dinheiro em São Paulo” assumem configuração muito diversa, conforme seja a conexão que entre eles se estabeleça:

Joaquim Carapuça costuma vir ao Rio	<table border="0"> <tr> <td rowspan="3" style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>quando</td> <td rowspan="3" style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>ganha muito dinheiro em São Paulo</td> </tr> <tr> <td>enquanto</td> <td></td> </tr> <tr> <td>porque se embora</td> <td>(ganhe)</td> </tr> </table>	}	quando	}	ganha muito dinheiro em São Paulo	enquanto		porque se embora	(ganhe)
}	quando		}		ganha muito dinheiro em São Paulo				
	enquanto								
	porque se embora	(ganhe)							

Omitam-se as expressões de transição de um parágrafo ou de uma série deles, e o sentido se desfigura:

..... tivemos de ampliar as instalações do prédio.
 fomos obrigados a admitir novos professores.
 a Lei de Diretrizes e Bases tornou possível a reorganização dos currículos.
 o colégio passou por transformações radicais.
 todas as atividades prosseguiram normalmente.

As linhas pontilhadas correspondem a partículas ou expressões de transição (inclusive uma oração reduzida do infinitivo) que encadeiam de maneira coerente os cinco enunciados soltos:

Para atender ao crescente número de pedidos de matrícula, tivemos de ampliar as instalações do prédio.

Também, pela mesma razão, fomos obrigados a admitir novos professores.

Por outro lado, a Lei de Diretrizes e Bases tornou possível a reorganização dos currículos.

Em virtude desses fatores, o colégio passou por transformações radicais.

Não obstante, as atividades prosseguiram normalmente.

Assim inter-relacionados pelos elementos de transição, esses cinco períodos passam a constituir *realmente* um parágrafo coerente.

Na lista que damos abaixo, demasiadamente extensa, mas ainda assim incompleta, o estudante encontrará alguns advérbios ou locuções que talvez o deixem intrigado. O advérbio “hoje”, por exemplo, não traz em si nenhuma idéia de referência ou de transição numa frase isolada como “Hoje não choveu”. Mas não será assim num período composto em que se contraponha “hoje” a “ontem”: “Ontem choveu muito, mas hoje não” — em que a idéia de oposição, indicada pela adversativa “mas”, se junta à de referência a um fato passado. Em “Realmente, você tem razão”, o advérbio “realmente” mostra de maneira clara a continuação de algo que terá sido anteriormente dito. É assim palavra de referência ou transição, de valor discretamente anafórico.

Os exemplos que acompanham alguns itens devem ser lidos com atenção, pois acumulam outras informações sobre o assunto.

As “cabeças” ou verbetes das alíneas encerram o sentido geral de cada grupo analógico.

a) *Prioridade, relevância:*

em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, mormente, principalmente, primordialmente, sobretudo;

Em primeiro lugar, é preciso deixar bem claro que esta série de exemplos não é completa, principalmente no que diz respeito às locuções adverbiais.

b) *Tempo* (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade, simultaneidade, eventualidade):

então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto isso — e as conjunções temporais;

Finalmente, é preciso acrescentar que alguns desses exemplos se revelam por vezes um pouco ingênuos. A princípio, nossa intenção era omiti-los para não alongar este tópico: mas, por fim, nos convencemos de que as ilustrações são frequentemente mais úteis do que as regrinhas.

c) *Semelhança, comparação, conformidade:*

igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, *mutatis mutandis*, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista — e as conjunções comparativas;

No exemplo anterior (valor anafórico), o pronome demonstrativo “desses” serve igualmente como partícula de transição: é uma palavra de referência à idéia anteriormente expressa. Da mesma forma, a repetição de “exemplos” ajuda a interligar os dois trechos. Também o adjetivo “anterior” funciona como palavra de referência. “Também” expressa aqui semelhança. No exemplo seguinte (valor catafórico), indica adição.

d) *Adição, continuação:*

além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, também — e as conjunções aditivas (e, nem, não só... mas também, etc.);

Além das locuções adverbiais indicadas na coluna à esquerda, também as conjunções aditivas, como o nome o indica, “ligam, ajuntando”.

e) *Dúvida:*

talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe? é provável, não é certo, se é que;

O leitor ao chegar até aqui — *se é que chegou* — talvez já tenha adquirido uma idéia da relevância das partículas de transição.

f) *Certeza, ênfase:*

de certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza;¹⁸

Certamente, o autor destas linhas confia demais na paciência do leitor ou dúvida demais do seu senso crítico. A lista ao lado — *estará ele pensando com toda a certeza* — inclui advérbios ou locuções adverbiais em que é difícil perceber a idéia de transição.

Sem dúvida, é o que parece. Quer a prova, leitor? Qual é a função desse “sem dúvida” se não a de desencadear neste exemplo os argumentos com que defendemos nosso ponto de vista?

¹⁸ Talvez valha a pena lembrar que “certamente”, “com certeza” e até mesmo “sem dúvida”, com muita frequência insinuam “dúvida” mais do que “certeza”. É uma situação contraditória semelhante à que se verifica em “pois não”, que indica assentimento (apesar do “não”) e “pois sim”, que às vezes expressa negação, negação meio irônica ou desdenhosa.

- g) *Surpresa, imprevisto*: inesperadamente, inopinadamente, de súbito, imprevistamente, surpreendentemente;
- h) *Ilustração, esclarecimento*: por exemplo (v.g., ex. g. = *verbi gratia*, *exempli gratia*), isto é (i.e. = *id est*), quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber;
- i) *Propósito, intenção, finalidade*: com o fim de, a fim de, com o propósito de, propositadamente, de propósito, intencionalmente — e as conjunções finais;
- j) *Lugar, proximidade, distância*: perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, além, acolá — outros advérbios de lugar, algumas outras preposições, e os pronomes demonstrativos;
- k) *Resumo, recapitulação, conclusão*: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto;
- l) *Causa e conseqüência*: daí, por conseqüência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito — e as conjunções causais, conclusivas e explicativas;
- m) *Contraste, oposição, restrição, ressalva*: pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos — e as conjunções adversativas e concessivas;
- n) *Referência em geral*: os pronomes demonstrativos “este” (o mais próximo), “aquele” (o mais distante), “esse” (posição intermediária; o que está perto da pessoa com quem se fala); os pronomes pessoais; repetições da mesma palavra, de um sinônimo, perífrase ou variante sua; os pronomes adjetivos último, penúltimo, antepenúltimo, anterior, posterior; os numerais ordinais (primeiro, segundo, etc.).

Essas partículas, ditas “explicativas”, vêm sempre entre vírgulas, ou entre uma vírgula e dois-pontos.

Em suma, leitor: as partículas de transição são indispensáveis à coerência entre as idéias e, portanto, à unidade do texto.

Este caso exige ainda esclarecimentos. Com referência a tempo passado (ano, mês, dia, hora) não se deve empregar *este*, mas “*esse*” ou “*aquele*”. “*Este ano choveu* muito. Dizem os jornais que as *tempestades* e *inundações* foram muito violentas em certas regiões do Brasil.” (A transição *neste último* exemplo se faz pelo emprego de sinônimos ou equivalentes de palavras *anteriormente* expressas (*choveu*): *tempestades* e *inundações*.)

“Em 1830 corria o primeiro trem de passageiros. A *invenção da locomotiva* a vapor data, entretanto, de 1814. *Nesse* ano, Stephenson construíra a locomotiva a vapor ‘Blücher.’” (A transição entre os períodos do último exemplo faz-se por meio da expressão “*invenção da locomotiva*”, da conjunção “*entretanto*” e do demonstrativo “*nesse*”.) (Repetição ou perífrase de palavra anteriormente expressa é também outra maneira de se estabelecer conexão entre idéias.)

4.4.5 Outros artificios estilísticos de que depende a coerência e, em certos casos, também a clareza. (Pela redação dos tópicos e pelos exemplos comentados, o leitor verá quais deve empregar e quais deve evitar)

4.4.5.1 Omissão do sujeito de uma subordinada reduzida gerundial ou infinitiva, quando ele não é o mesmo da principal

Saindo de casa, a porta fechou-se com ímpeto.

Dada a estrutura do período (e desprezada a evidência do contexto ou situação), o sujeito de “saindo” é “porta”, por ser esta o de “fechou-se”, pois, em princípio pelo menos, não havendo explicitação, o sujeito de uma reduzida de gerúndio ou de infinitivo é o da sua principal ou o da principal do período, fato que pode dar margem a uma frase incoerente, ambígua e até risível. Pode-se evitar esse risco: a) explicitando-se o sujeito da reduzida: “Saindo *ele* (fulano) de casa, a porta fechou-se...”; b) desenvolvendo a reduzida: “Quando *ele* saiu de casa, a porta fechou-se...” (Assim o leitor não rirá por você ter dito que a “porta saiu de casa...”).

Mutatis mutandis, é o que ocorre, às vezes, com as reduzidas de infinitivo: “Ao mudar-se para o Rio, o trabalho de meu pai obrigou-o a frequentes viagens pelo Brasil.” Pelas razões já expostas, o sujeito de “mudar-se” é o de “obrigou”, o que é inadmissível. Evita-se o absurdo de dizer que... o trabalho mudou para o Rio, a) explicitando-se o sujeito do infinitivo (“ao mudar-se *meu pai*...”) e fazendo as devidas acomodações sintáticas no resto do período (“*seu* trabalho obrigou-o...”); b) desenvolvendo a reduzida: “Quando meu pai se mudou...” (ver 10. Ex., 312).

4.4.5.2 Falta de paralelismo sintático (ver 1. Fr., 1.4.5)

Passei alguns dias junto à minha família e revendo velhos amigos de infância.

Pode-se evitar a incoerência:

- a) omitindo-se a conjunção “e”, que não deve coordenar “passei” a “revendo”, formas verbais de estrutura e valor sintáticos diferentes; se a precisão o exigir, pode-se acrescentar um advérbio que expresse inclusão ou simultaneidade (*inclusive*, *ao mesmo tempo*):

Passei alguns dias junto à minha família, revendo ao mesmo tempo velhos amigos de infância.

b) tornando paralelas as duas orações ou partes delas:

— Passei alguns dias junto à minha família e revi (ao mesmo tempo) velhos amigos de infância.

— Passei alguns dias junto à minha família e a velhos amigos de infância.

4.4.5.3 Falta de paralelismo semântico (*falta de correlação e associação de idéias desconexas*)

a) Há uma grande diferença entre os candidatos a matrículas e as vagas nas escolas.

Não é possível estabelecer, dessa forma, relação de coordenação entre “candidatos” e “vagas”; diga-se: “diferença entre o número de candidatos e o (número) de vagas”.

b) Enquanto os Estados Unidos se distinguem pelo seu alto padrão de vida, os nossos nordestinos vivem em condições quase miseráveis.

É incoerente o confronto entre *país* (Estados Unidos) e *indivíduos* (nordestinos), isto é, entre *um todo* e as partes de *um todo*.

c) Zulmira não estava na casa nem na varanda*

É um dos princípios da lógica, um dos seus axiomas, que o maior compreende o menor, que a parte está compreendida no todo, que o específico está subentendido no geral. Se *casa* é o maior, é o todo, e se Zulmira não estava nela, não poderia, *ipso facto*, estar numa das suas partes, a varanda. (Ver 10. Ex., 311)

Na poesia moderna e, no caso do Brasil, sobretudo na de certa fase do Modernismo, são freqüentes os exemplos de alogismo semântico, de associação ou coordenação de idéias desconexas, um dos aspectos que a vêm caracterizando desde que Mallarmé e outros investiram contra o logismo neoclássico dos parnasianos. Uma das inúmeras formas desse paralelismo alógico é também a enumeração caótica, em que se coordenam disparidades tais como o maior e o menor, o concreto e o abstrato, o geral e o específico, o todo e a parte e coisas heterogêneas de toda a ordem.

* Invertida a ordem dos termos coordenados, isto é, antepondo-se a *parte* (varanda) ao *todo* (casa), a declaração torna-se logicamente indiscutível: Zulmira não estava na varanda nem na casa (*i.e.*, nem tampouco no resto da casa). C.f. “Nunca fui à Europa nem à França” e “Nunca fui à França nem à Europa”. (Ver 10. Ex., 311)

4.4.5.4 Falta de concisão (*redundâncias*)

A redundância estilística ou retórica é uma das mais comuns formas de prolixidade (rever 2. Voc., 4.2 — “Amplificação”). Confundindo-se às vezes com o pleonasma típico, ela consiste não apenas em explicitar em demasia, em detalhar superfluamente, em acrescentar idéias já claramente expressas (pleonasma propriamente dito) ou implicitamente subentendidas, logicamente deduzíveis, mas também em sobrecarregar a frase com adjetivos e advérbios, com acumulação de sinônimos e repetição de palavras sem qualquer efeito enfático. A seguinte frase, por exemplo, é abusivamente, ingenuamente redundante:

Conforme a última deliberação unânime de toda a Diretoria, a entrada, a freqüência e a permanência nas dependências deste Clube, tanto quanto a participação nas suas atividades esportivas, recreativas, sociais e culturais, são exclusivamente privativas dos seus sócios, sendo terminantemente proibida, seja qual for o pretexto, a entrada de estranhos nas referidas dependências do mesmo.

Impõe-se uma “poda em regra” nesta galhada seca de palavras superfluas:

- a) *Conforme a última deliberação unânime de toda a Diretoria*: em primeiro lugar, a informação é óbvia e desnecessária; em segundo, que é que o adjetivo “última” está fazendo aí? Nada. Omita-se. Em terceiro, se a deliberação é *unânime* tem de ser de *toda* a Diretoria. Pleonasma. Elimine-se o “toda”, ou o “unânime”.
- b) *Entrada, freqüência e permanência*: não haverá *freqüência* nem *permanência* se não houver *entrada*; basta *freqüência*, ou *permanência*.
- c) *Exclusivamente privativas*: em *privativas* já subjaz a idéia de exclusividade; advérbio supérfluo, redundante.
- d) *Participação nas suas atividades*: se até a entrada já é privativa dos sócios, é óbvio que a participação nas atividades também o é. Além disso, que é que o adjetivo “suas” está fazendo aí?
- e) *Atividades esportivas, recreativas, sociais e culturais*: que outras atividades “clubistas” poderia ainda haver para justificar a especificação? Se a “poda” preservasse esse “galho seco”, bastaria, então, dizer apenas “atividades”.
- f) *Sendo terminantemente proibida, seja qual for o pretexto, a entrada de estranhos*: é óbvio, é lógico que, se a freqüência já é *privativa* dos sócios, a entrada de estranhos tem de ser também, *ipso facto*, proibida. Mas ainda há outras superfluidades: se é “terminantemente proibida” a entrada, não se há de admitir qualquer *pretexto*. Redundância.
- g) *Nas referidas dependências do mesmo*: em que outro lugar estaria o aviso proibindo a entrada de estranhos? no céu? no inferno? E esse “do mesmo”, que é que está fazendo aí? De que outras dependências se trataria? Só do próprio clube. Redundância.

Feita a “poda” a frase ficaria reduzida ao essencial, sem prejuízo para a eficácia do aviso:

“É proibida a entrada (ou frequência, ou a permanência) de estranhos” ou “Só é permitida a entrada de sócios”.

4.4.5.5 Falta de unidade – *acumulamentos e digressões impertinentes também concorrem para a incoerência da frase (rever 3. Par., 4.2.2)*

4.4.5.6 Certas estruturas de frase difíceis de bem caracterizar – *o tipo mais comum é aquele em que, no mesmo período, o sujeito, comum a várias orações, assume feição diversa: ora como agente (voz ativa) ora como paciente (voz passiva perifrástica ou analítica), ora como uma figura indeterminada (“se” na passiva pronominal)*

Íamos todos juntos, mas, à última hora, em virtude do mau tempo, desistiu-se da excursão.

Devia dizer-se: “Íamos... mas... desistimos”.

Não sabemos se eles virão passar alguns dias conosco; mesmo assim a gente está preparado para recebê-los.

Diga-se: “não sabemos...; mesmo assim estamos preparados”. A forma em que “a gente” fosse o sujeito das duas orações seria admissível em linguagem coloquial. A construção com o pronome “se” seria também correta, embora se ajuste mais ao verbo *saber* do que ao *preparar*, já que este se emprega também como reflexivo. (Em “a gente está preparado”, a concordância faz-se por silepse de gênero, quer dizer, pelo sentido e não pela forma: em “gente” se subentende um falante do sexo masculino.)

QUARTA PARTE

4. COM. – Eficácia e falácias da comunicação